

PAISAGEM, NATUREZA E OS OBJETOS EM *LIRISMO RURAL: O SERENO DO CERRADO*, GILBERTO MENDONÇA TELES

Data de submissão: 08/08/2024

Data de aceite: 26/08/2024

Bianca Souza Duarte

Universidade Estadual de Montes Claros
Montes Claros – Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/7219248589502866>

Ilca Vieira de Oliveira

Universidade Estadual de Montes Claros
Montes Claros – Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/2808380365596331>

RESUMO: Na segunda edição de *Lirismo Rural: o Sereno do Cerrado* (2019) Gilberto Mendonça Teles, poeta brasileiro, utiliza elementos da lírica moderna em sua poética, além de ressaltar sobre a sua paisagem natal, o cerrado. A paisagem do Cerrado, elemento central nos poemas, está em consonância com a memória íntima e coletiva do povo desse bioma. Nesta pesquisa, a temática do cerrado é abordada sob a perspectiva fenomenológica de Gaston Bachelard e pela *Filosofia da paisagem*, de Michael Collot, este aponta que a paisagem pode ser percebida como uma síntese entre o mundo exterior e as emoções interiores do sujeito. Assim como os objetos, os elementos naturais presentes nos poemas: os pássaros e as flores, são analisados pelas contribuições à construção do mundo sensível e imagético do eu lírico. A relação entre natureza e cultura é explorada ressaltando como o poeta utiliza a escrita criativa para atribuir significados profundos

aos objetos, influenciando a percepção do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira. Poesia. Paisagem.

ABSTRACT: In the second edition of *Lirismo Rural: o Sereno do Cerrado* (2019), Brazilian poet Gilberto Mendonça Teles employs elements of modern lyrical poetry in his work, while also highlighting his native landscape, the *Cerrado*. The *Cerrado* landscape, a central element in the poems, aligns with the intimate and collective memory of the people of this biome. In this research, the theme of the *Cerrado* is approached from the phenomenological perspective of Gaston Bachelard and by the *Philosophy of Landscape* by Michael Collot, who suggests that the landscape can be perceived as a synthesis between the external world and the inner emotions of the subject. Just like objects, the natural elements present in the poems — birds and flowers — are analyzed for their contributions to the construction of the sensitive and imagistic world of the lyrical self. The relationship between nature and culture is exploited, emphasizing how the poet uses creative writing to attribute deep meanings to objects, thereby influencing the reader's perception.

KEYWORDS: Brazilian Literature. Poetry. Landscape.

INTRODUÇÃO

O poeta Gilberto Mendonça Teles também conhecido por GMT (abreviação de seu nome), é um escritor que se destaca no cenário da literatura brasileira dos séculos XX e XXI, com seus estudos relevantes sobre a literatura brasileira e dedicação à crítica literária. Professor de Teoria e Crítica Literária, recebeu diversos prêmios e títulos e contribuiu para a reconstrução das estórias regionais de Goiás. Gilberto Mendonça Teles desponta em *Alvorada* (1955), e, posteriormente, os títulos mais conhecidos são: *Plural de nuvens* (1984) e *Sociologia Goiana* (1982) – reunidos em *Hora aberta* (2003) – com essa coletânea de poemas reunidos e publicados em 2003, o poeta demonstra seu projeto literário, marcado por um trabalho esmerado com a linguagem, que evidencia a transmutação e metamorfose das coisas e dos seres vivos, trazendo à tona o limiar do mundo vegetal e material, além da percepção da paisagem.

Em *Lirismo rural: O Sereno do Cerrado*, livro publicado em 2019, o poeta buscou trazer as imagens poéticas do cerrado goiano. Este trabalho apresenta uma análise dos poemas sob a ótica da filosofia da paisagem, observando de que maneira a paisagem afeta o eu lírico e a sua percepção do mundo. Através dessa temática, realizou-se uma contextualização geral do livro de poemas e do autor.

Este livro pode ser considerado uma reunião de poemas que trazem consigo diversas temáticas relativas à vida do próprio poeta, constituindo-se como um trabalho que possui traços biográficos – num tom confessional e com uma mescla do ficcionalismo, vocábulos imagéticos que vão se tecendo ao longo dos poemas. Existe uma tentativa do poeta em aproximar o eu lírico de sua vida pessoal, conforme já realizado no livro anterior, *Sociologia Goiana*, em que ora o Saci assume a identidade de Gilberto Mendonça Teles, ora o Saci é o ser mitológico de Goiás, é a tradição, é o ser fálico e possuidor da voz da denúncia. Aqui, *Sereno*, por vezes, representa não só o próprio poeta em seu eu mais íntimo, mas também a denúncia, os mitos gregos e a ficção. Segundo Octavio Paz, em *Signos em rotação* (2015),

O que caracteriza o poema é sua necessária dependência da palavra tanto como sua luta por transcendê-la [...] considerá-lo como uma expressão social, inseparável de outras manifestações históricas. O poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido – e nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta (Paz, 2015, p. 52).

Nesse sentido, o poema necessita do meio para que possa existir, precisa alimentar-se do poeta e de suas perspectivas, pois, sem isso, o próprio poema não existe. GMT faz o uso disso em sua poética, de certo ponto de vista, impossibilitando que o leitor perceba até onde é sua vivência ou fruto de sua imaginação. No entanto, o que mais se torna saliente é a sua inserção no mundo da percepção da paisagem como elemento significativo para a construção do eu, além do tecer críticas ao sistema social e às relações humanas. Nesse

aspecto, o gênero lírico possui *nuances* que revelam que, por vezes, o fazer poético está ligado diretamente à constituição da paisagem, dando significado aos objetos, percepções e lugares. Diante disso, quais as imagens são evocadas a partir da paisagem? Qual é papel dos objetos na construção do eu lírico?

MÉTODOS

A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativo, com base em leituras de bibliografias sobre o tema e crítica literária, além de análise do texto literário. Foram selecionados dois poemas pertencentes ao livro *Lirismo rural: o Sereno do Cerrado*, de GMT.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O livro selecionado para o desenvolvimento da análise foi a segunda edição de *Lirismo rural: o Sereno do Cerrado* (2019), pelo fato de que nesta edição o autor realiza a inserção de poemas não pertencentes à primeira edição. É aqui também que conhecemos Sereno, o eu lírico do livro e, segundo o próprio autor, seu *alter ego* – por vezes, a linha é muito tênue com relação a quem é o eu lírico e quem é o autor empírico. Sereno surge, pela primeira vez, de forma explícita, em *Sociologia Goiana* (1982) ainda na figura do Saci. A figura do eu lírico Saci perpassa toda uma construção mitológica, configura-se como o anti-herói, ultrapassa as fronteiras geográficas e as paisagens de Goiás e se mescla, pouco a pouco, com a figura do próprio poeta, algo que posteriormente aflora-se com o mesmo impacto no “nascimento” de Sereno – que nada mais é que o próprio Saci em sua versão mais madura.

Tratar sobre o gênero lírico é dizer também sobre estética, e, para Aristóteles, o gênero lírico se difere dos demais por ser representado como a palavra cantada, pois a arte poética valia de “melodia e ritmo a arte de tocar flauta e cítara” (Aristóteles, 1997, p. 19), e logo fazemos relações com os gêneros épico ou dramático. No entanto, o fazer poético moderno implica mudanças, e as formas de poesia podem ser distinguidas através “do modo como o poeta se apresenta no poema: o gênero lírico seria o poema de primeira pessoa ou de primeira voz” (Cara, 1989, p. 12), segundo Salete de Almeida Cara em seu livro *A poesia lírica* (1989).

Ainda de acordo com a autora, o limite entre o gênero lírico e a música é tênue, o assunto chamou a atenção de autores como Edgar Allan Poe, Wordsworth, Hegel, entre outros ao longo da história. A lírica moderna surge com a mentalidade impressa por Baudelaire “associando a poesia à inteligência crítica [...] a possibilidade de transformar em poético tudo aquilo de artificial” (Cara, 1989, p. 42). O eu lírico moderno é o responsável por todo sentido do poema, mesmo que não seja um ser real, pois ele existe por meio da melodia, da escolha das palavras e do ritmo. Em *Lirismo Rural: o Sereno do Cerrado*, os poemas possuem musicalidade, no entanto, não se constituem em rimas e tampouco são metrificados, característica marcante do Modernismo. Para Salete de Almeida Cara (1989):

O sujeito lírico é o próprio texto, e é no texto que o poeta real transforma-se em sujeito lírico. O sujeito lírico moderno é aquele que, a partir do Simbolismo toma consciência de que o espaço da poesia não é nem o espaço da realidade (a objetividade será impossível), nem o espaço do 'eu' (a dita subjetividade será encarada também como ilusória) (Cara, 1989, p. 48).

Dessa forma, o eu lírico empossado em *Lirismo Rural: o Sereno do Cerrado* possui propriedades do eu lírico moderno pontuado por Cara (1989), mas, por vezes, mescla-se com questões autobiográficas. Com relação à autobiografia que o poeta expõe em sua obra, existe uma discussão a respeito da inserção do gênero na poesia. Em *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*, Phillippe Lejeune ressalta que “a poesia de nosso século obriga, entretanto, a pensar nos laços que unem o sujeito da escrita e o sujeito real” (Lejeune, 2014, p. 88), neste sentido, convém relacionar o eu lírico à vida do próprio poeta, visando que existem diferentes formas e possibilidades de inserções de autobiografia – desde traços menos profundos ou até confessionais, englobando a escrita de si, emoções, vivências, confidências.

É importante ressaltarmos que o livro em si não se constitui como solo, *Sociologia Goiana* é leitura primordial para a compreensão de *Lirismo rural*, pois, no primeiro livro, temos como eu lírico o Saci, também *alter ego* de Gilberto Mendonça Teles, em sua mocidade. Podemos perceber que Sereno é a versão mais madura, mais vivida e mais branda do próprio Saci, a própria escolha do nome não é ingênua: “Sereno” indica tranquilidade, calma e placidez; enquanto o “Saci”, como o próprio autor descreve, “era uma autêntica figura fálica de um negro” (Teles, 2019, p. 20), que o levou a “se interessar pela origem do mito” e “descobrir o lado histórico e fálico do Saci” (Teles, 2019, p. 20). Nesse contexto, notamos que ainda existe uma malícia e astúcia, mas ele não consegue atingir a personalidade do Saci que é de desconstrução, é fálica, é sagaz.

Sendo assim, é primordial a leitura prévia para que seja possível enxergar que o eu lírico passa por esse amadurecimento. O poeta trata do natural, da terra e da paisagem desde o início com *Alvorada* (1995), que foi “constituído por um primoroso trabalho com a linguagem, tornando visível a transmutação e transformação das coisas e dos seres vivos (animal e vegetal)” (Oliveira, 2021, p. 55), e, desde então, não cessou de criar trabalhos voltados para a percepção da terra.

Portanto, GMT exprime, em sua poesia, algo que remete ao regionalismo, como expressão cultural de seu povo. Além disso, com relação às questões estilísticas, o poeta lança mão de recursos, tornando a sua poesia bastante expressiva, contribuindo para que o leitor possa ter a experiência de imaginar e sentir. Seus versos exalam a atualidade, há uma busca de inspiração na experiência do momento sendo revelada no texto e uma necessidade incessante de criação. Seu livro é composto por versos tipicamente modernistas: sofisticado, mas popular, escrito em versos livres, com abordagem do individual e do coletivo.

Os poemas têm como lugar comum principalmente o Cerrado, isso ocorre porque Sereno é um homem nascido desse bioma. Para tanto, é necessário ressaltar o conceito de paisagem poética empregada por Michael Collot, em *Poética e filosofia da paisagem* (2013), “a paisagem é um espaço percebido, ligado a um ponto de vista” (Collot, 2013, p. 17). A paisagem, além de estar associada a um ponto de vista, também se ligará a questões de imagem e à percepção do sujeito. Nesse sentido, paisagem implica, nesse eu lírico, lembranças, memórias afetivas e, para além disso, consegue trazer, por meio de suas ações, os valores adquiridos naquela terra, que, por fim, ele leva a todo lugar do mundo por onde passa.

Na construção dos ambientes, a paisagem é movimento e, por isso, vamos perceber que as transformações ocorridas são importantes para Sereno. Assim como as mudanças das estações do ano que interferem em todo o ecossistema, as metamorfoses da vida e, por consequência, as transferências de lugar e suas viagens o impactam. Mas a paisagem também é o parar e contemplar. Por isso, os objetos que compõem a paisagem são especiais neste sentido, como o caderno, o lápis, os livros e, por fim, os elementos da natureza, como o ar – a quem pertence todo o movimento – e a água – com “significações simbólicas [...] fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerância” (Chevalier, 2001, p. 15). Além disso, acrescentamos o fogo, que simboliza lembranças e ressignificação, o nascimento da própria Fênix.

Os elementos materiais constituem o mundo sensível, e Gaston Bachelard – filósofo, poeta e químico francês, entusiasta da corrente fenomenológica e investigador da poesia – pontua que os objetos que constituem a paisagem (neste caso, alguns livros, lápis, máquina de escrever) são princípios que explicam a constante transformação da natureza. O poeta, também por ser um alquimista da palavra que analisa o mundo sensível que está ao seu redor, toma fôlego para exprimir, em seu fazer poético, toda a essência exalada do seu mundo exterior para o seu íntimo e, por consequência, transforma-o em poesia, conforme pontua Agripina Encarnación Alvarez Ferreira em *Dicionário de imagens, símbolos, mitos e termos Bachelardianos* (2013):

Na poética de Gaston Bachelard, o elemento material é o princípio que norteia a criação de um artista. O ‘determinismo imaginário’ é revelado no estudo e na análise das imagens de um texto. Todo poeta é fiel a um ‘ser quimérico’ que o alimenta e dá substância ao seu sonho (Ferreira, 2013, p. 63).

Bachelard expõe a necessidade do poeta de beber da fonte da imaginação ao expressar, principalmente, a ideia do “ser quimérico” como fonte primeira da criação artística, literária e poética. Sendo assim, na poética gilbertina, este ser, fruto da imaginação, manifesta-se especialmente através de Sereno. O eu lírico aparece como fonte primária e fruto da imaginação do poeta, ao passo que o “enredo” vai sendo construído a cada poema apresentado por Sereno, contribuindo para a construção do seu mundo imagético e fabuloso.

Para Michel Collot, a paisagem ultrapassa os limites do geográfico, podendo sintetizar valores que vão além do físico, empregando a subjetividade de cada indivíduo e sua forma de perceber o mundo. Collot considera paisagem tanto o exterior quanto o interior de nós, indo ao encontro da filosofia da fenomenologia de Bachelard. Deste modo, designa-se que:

A paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço, sentido de múltiplas maneiras e, por conseguinte, também experimentado. Todas as formas de valores afetivos – impressões, emoções, sentimentos – se dedicam à paisagem, que se torna, assim, tanto interior quanto exterior (Collot, 2013, p. 26).

Contudo, cabe ressaltar, que Collot ressignifica o conceito de paisagem ao seu modo, atribuindo, além das questões geográficas, os valores existentes da vida humana, como a subjetividade das emoções, valores afetivos e sentimentos. A percepção também não significa que seja apenas individual, nela também está contido o valor condicionado aos grupos humanos, ou seja, às relações que as sociedades têm com seus ambientes e, para além, seus valores culturais. Portanto, o conceito de paisagem que apresentaremos consegue ultrapassar os limites da paisagem – aquilo que vemos e sentimos – e passa a ser uma experiência, através de outros sentidos, e uma memória coletiva.

GMT traz, em sua obra, aspectos que exteriorizam a escrita criativa, como a possibilidade de atribuir aos objetos e às imagens a importância ímpar e a possibilidade de (re)delinear as questões de arte e lírica, visto em *Poemas Improvisuais* (2003) e em *Sociologia Goiana* (1982). Especialmente tratando dos objetos, em *Sociologia Goiana* são bastantes presentes os artefatos da escrita que se relacionam a outros aspectos multivisuais, como a figura/instrumento do lápis preto que se transfigura na imagem do Saci: “numa perna só, / como um lápis preto / fazendo soneto / de vento e cipó” (Teles, 2019, p. 57), em que se surge o poder da escrita e das palavras, e essa temática se aflora em *Lirismo rural: o Sereno do Cerrado*.

Segundo a corrente fenomenológica de Bachelard, os objetos dispõem de significados, e, na obra de GMT, os artefatos possuem importância no sentido do poema, com significados particulares de um povo. Partindo da temática do regionalismo, a escrita de Teles emprega a visão de mundo de si muito particular. No entanto, a influência da filosofia clássica e a mitologia grega se fazem muito presentes em sua poesia, uma vez que o poeta é um grande leitor das obras clássicas. Por essa razão, sua poética é repleta de simbolismo em que muitos desses significados têm descrições pertinentes no *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier (2001).

No cotidiano, quando observamos um “lápis”, ele pode ser apenas um lápis, objeto que utilizamos para escrever, podendo adquirir diversos sentidos. No entanto, esse objeto pode nos remeter a territórios inimagináveis – como o da memória das primeiras letras, de

laços afetivos como a avó escrevendo uma receita, do bilhete que escreveu à mãe – ou, ainda, a efeitos mais práticos – como a árvore que foi utilizada para fabricá-lo, os meios de produção envolvidos na fabricação, as condições de trabalho nas fábricas, o trajeto que percorreu até a papelaria, a venda, entre outros aspectos. Vejamos que um único objeto é capaz de criar diversos insights. O livro abre com o poema “Nascimento de Sereno”:

Era de madrugada, quando a mãe
começou a sentir as primeiras dores.

Sob o signo de Câncer, a estrela d'alva
prenunciava um céu de muita poesia no
equilíbrio dos semestres.

As nuvens começaram a ficar vermelhas,
como se alguém estivesse derramando um
sangue vivo no bioma do cerrado.

De repente Sereno saltou pela janela e
logo aprendeu a correr e a pular
— um Saci na rua Goiás de Bela Vista.

(Teles, 2018, p. 17).

Nesse poema, somos apresentados ao eu lírico de Sereno. Existe uma ligação entre Sereno e o Saci: Sereno pode ser considerado a versão mais amadurecida do Saci desenhado em *Sociologia Goiana*. O poeta utiliza meios para a escolha das palavras, são escolhas assertivas e sugestivas tanto em *Sociologia Goiana* quanto em *Lirismo rural: o Sereno do Cerrado*, para representarem um *alter ego* do próprio GMT (Saci e Sereno, respectivamente). Nesse poema, evoca o nascimento não apenas do poeta ou do eu lírico, mas da própria poesia, correlacionando às cores vibrantes, como o vermelho “cor de sangue”. Segundo o Jean Chevalier, em *Dicionário de símbolos* (2001):

Universalmente considerado como o símbolo fundamental do princípio de vida, com sua força, seu poder e seu brilho, o vermelho, cor de fogo e sangue, possui, entretanto, a mesma ambivalência simbólica destes últimos, sem dúvida, em termos visuais, conforme seja claro ou escuro (Chevalier, 2001, p. 498).

Portanto, as cores vibrantes evocadas no poema, acima de tudo, representam a força da poesia e do poeta, considerando ainda a renovação, imagem simbólica que também é atribuída à cor vermelha e ao fogo. O fato de nascer “sob o signo de câncer” e “no equilíbrio dos semestres” indica o nascimento ocorrido em junho, corroborando a ideia

de que Sereno diz muito sobre o poeta, unindo o sujeito lírico ao sujeito real, conforme aponta Lejeune (2014). Em *Lirismo rural*, o Cerrado é citado pela primeira vez nesse poema e se faz presente na maioria dos outros.

O bioma evoca toda a memória e constituição do ser do eu lírico, é a partir de então que todas as imagens, ritos, ensinamentos, mitos, entre outras manifestações vão surgir – e, principalmente, irá transcender a barreira de limite geográfico, manifestando-se entre o dito e o não dito em todos os poemas de *Lirismo rural*. É importante perceber que a paisagem diz muito sobre as circunstâncias dos acontecimentos: o fato do céu estar vermelho, a estrela d'alva brilhando e, principalmente, anunciando muita poesia no ar, expondo indícios do nascimento do próprio poeta que se funde com a ideia do nascimento de Sereno e do próprio Saci. GMT nasce em 30 de junho, período em que o Cerrado está na estação do inverno, logo, o céu, ao final da tarde, torna-se avermelhado e as estrelas brilham. Assim, a poesia no ar simboliza o nascimento do poeta que é poesia viva.

Em *Ser e o tempo da poesia* (1977), Alfredo Bosi discute sobre a imagem dos objetos que se faz presente na poesia, buscando estabelecer que existe uma relação entre a poesia e o corpo. Nesse sentido, as imagens que se constituem na poesia são importantes para que o sujeito se situe no espaço poético:

A experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizada no corpo. A imagem é afim à sensação visual. O ser vivo tem a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contacto direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e fatal intervalo (Bosi, 1977, p. 13).

Os objetos que compõem as imagens poéticas são importantes para a experiência sensorial do leitor, pois contribuem com a projeção de subjetividade que fazemos ao termos contato com a poesia. Sob esse viés, a imagem revela o vínculo que por vezes estabelecemos com ela. Em *Lirismo rural: o Sereno do Cerrado*, tais imagens são importantes para relacionarmos a paisagem do Cerrado e os elementos que se constituem nos poemas em geral.

O poeta segue, em outros poemas, ao longo de *Lirismo rural*, destacando a paisagem do Cerrado por meio de objetos ou elementos naturais. Esse bioma é o lugar onde Sereno pode contemplar toda natureza, carregando consigo, ao longo de sua vivência, as memórias afetivas desse espaço/mundo no qual se encontra inserido. O poema “Pássaro=Flores” possui uma estilística que particulariza o mundo sensível de Sereno, uma vez que as palavras ganham sentidos diversos, principalmente, no detalhe visual em negrito onde o poeta mescla o nome dos pássaros e de flores que são encontrados no Cerrado:

[...]

andorinhas **flor de cagaita** pintassilgo

algodão joão-de-barro **caliandra**

pass'ô preto **mamacadela** gaturamo

madressilva bemtevi **caraguatá**

tié-do-cerrado **agapanto** cardeal-de-goias

quaresmeira tesourinha **pervinca**

cambacica **caraíba** tempera-viola

jasmin araponga **orquídea**

canário da terra **bonina** tiziu

avenca papa-capim **verbena**

garrincha **begônia** fogo-pagô.

Sereno não distinguia os pássaros das flores.

(Teles, 2019, p. 78).

Nesse poema, são abordados os elementos naturais, do mundo vegetal, e a importância para aquilo que chamamos de paisagem (do senso comum) e paisagem para as “cartografias poéticas”. Torna-se interessante analisarmos também como os objetos contribuem para a construção do sensível deste eu lírico e como eles se relacionam – afinal, os objetos escolares, por exemplo, necessitam do mundo vegetal para existir. O mesmo processo ocorre com os demais objetos: para a existência de algo, foi necessário um processo anterior ligado ao mundo vegetal da natureza. Todas as flores e plantas que o poeta menciona em seu poema, de alguma maneira, estabelecem relação com o processo produtivo (mundo material). Um exemplo disso é o algodão (mundo vegetal), que através dele se produz vestimentas e utensílios escolares (mundo material).

As aves que são evocadas no poema, embora façam parte do mundo vegetal, podem se integrar a outros mundos: a pena da ave é a mesma pena da escrita que o poeta utiliza para escrever, ou seja, existe uma ligação entre os mundos e as imagens que vão se construindo, às quais também servem para tecer o imaginário do eu lírico. Os pássaros também exprimem a metáfora da viagem, em que o voo simboliza o voar para fora do ninho, ir de encontro à vida. Esse aspecto se faz presente em muitos poemas de GMT desde o livro *Alvorada*, em que os poemas remetiam à ideia do ir e vir, do viajante no mundo.

As flores possuem sentidos diversos, dentre eles, o mais conhecido é o símbolo de fertilidade – aqui, é perceptível que o Cerrado é uma paisagem fértil, onde a vida transborda e os pássaros se alegram, assim como os pássaros que auxiliam no processo de polimerização, contribuindo efetivamente para o nascer da vida no bioma. É uma figura que desde *Alvorada* (1995) se faz presente, sempre carregada de sensibilidade e símbolo de amor, fertilidade, alegria.

O poema “Pássaro = flores” é uma poema visual, na medida que os pássaros se mesclam com as flores, as quais têm os nomes destacados. Todos os pássaros e flores são típicos do Cerrado, e, a cada nome que vamos percorrendo, existe a sinestesia, de modo que é fácil imaginar um lugar repleto deles, com a alegria de uma primavera nesse bioma, em que tudo começa a florescer e os animais se alegram.

A partir do conceito de paisagem, de que ela não é apenas algo que é observado visualmente, mas também é percebido por outros sentidos – e isso que a torna uma experiência única e subjetiva, pois é influenciada por suas memórias, efetividades e referências anteriores –, é possível relacionar a natureza com as inserções da cultura:

A experiência da paisagem, revelando a secreta continuidade que une o mundo ao corpo e o corpo ao espírito, convida-nos a redefinir as relações entre natureza e cultura. Essa experiência resulta de uma interação entre o corpo, o espírito e o mundo, e se inscreve no prolongamento das trocas que nosso organismo mantém com o meio natural (Collot, 2013, p. 40).

Levando em consideração a cultura no estudo dos poemas, para nós é interessante a abordagem dos objetos. A paisagem é constituída de formas, cores, sensações, movimentos e objetos. Esses contribuem para a formação do eu lírico: todas as nossas vontades (ou pelo menos a maioria delas), condicionamentos, memórias e sentidos ligados à afetividade são mediados pelos objetos e estes têm uma implicação no meio social. O meio produtivo cria os objetos e os objetos constroem os homens. Daniel Miller, antropólogo que se baseia na corrente fenomenológica, em certa parte de seu livro *Trecos, troços e coisas* (2013), disserta:

Como tal, mudar de casa permite às pessoas reconstruir sua biografia pessoal tal como representada em memórias de objetos associados, e, por meio disso, a percepção que a família tem de si mesma. Certas relações com outras pessoas são descartadas com os objetos que as lembram, ao passo que outros objetos ganham destaque e são usados de forma realçada na decoração da nova casa (Miller, 2013, p. 145).

Nesse trecho, percebemos que a mudança de casa, o adquirir e o desfazer-se de objetos implicam a construção e a desconstrução de um sujeito. Em *Lirismo rural: o Sereno do Cerrado*, alguns objetos são importantes para a nossa reflexão sobre a forma que eles atuam na construção de Sereno, como os artigos de pesca, materiais escolares, utensílios culinários, entre outros, que irão corroborar a criação dos padrões de percepção, a maneira como compreende a vida e os costumes do eu lírico.

Sereno retrata a sua própria história, que possui traços de semelhança com o poeta e tem um pouco do mito do Saci (o qual é importante para se pesquisar GMT e está no prefácio de Saciologia Goiana). Sereno gosta do amor em si, do amor lírico e de evocar a poesia de Orfeu: não “canta” a guerra, prefere cantar os amores que abrigou ao longo de sua existência, a belíssima natureza que pôde contemplar em sua trajetória, as experiências mais singelas carregadas de tradição, costumes e simbologias. O próprio nome do livro

“Lirismo” remete à questão mitológica da lira e “simboliza a inspiração poética e musical” (Chevalier, 2001, p. 553). O eu lírico se coloca na posição de um homem experiente e bem vivido (e vivo).

Em o *Signos em rotação* (2015), Octavio Paz ressalta que “épica e teatro são formas nas quais o homem se reconhece como coletividade ou comunidade, ao passo que na lírica se vê como indivíduo” (Paz, 2012, p. 235), logo, é possível compreendermos a dimensão de *Lirismo rural*, em que o poeta busca traçar a sua singularidade correlacionando à ideia mitológica, e, ainda, podemos ressaltar que “Orfeu é o homem que violou a proibição e ousou olhar o invisível” (Chevalier, 2001, p. 663), traduzindo a significância da obra de GMT que ousou abarcar em suas obras temáticas sensíveis e invisíveis do mundo moderno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia da paisagem é capaz de transcender a paisagem geográfica, pois o espaço percebido está intrinsecamente ligado à subjetividade e estímulos sensoriais do observador, constituindo-se como construção interna e externa do sujeito, abarcando suas percepções, memórias afetivas e valores culturais. Nesta perspectiva, o eu lírico de *Lirismo rural: o Sereno do Cerrado*, utiliza-se do espaço para ser construído, por isso, o ambiente natural do cerrado entrelaça às experiências íntimas de Sereno.

O poeta recorre à paisagem do Cerrado como um espelho para examinar questões sociais e culturais, tecendo críticas à sociedade goiana, especialmente sobre a condição humana em que se faz presente a desigualdade econômica e de oportunidades. Em *Lirismo rural*, a natureza é tanto um refúgio quanto um palco para a denúncia, como observado no diálogo entre o mundo natural e os temas de exploração dos recursos naturais provenientes do Cerrado. A poética de Gilberto Mendonça Teles é prolífica ao tratar sobre as transmutações do mundo natural para o mundo material e a interseção que há entre estes dois mundos, por vezes visto como extremos, porém em seus poemas são explicitados a força que um possui sobre o outro.

Além disso, o Cerrado é descrito como um espaço em constante transmutação, onde o ciclo das estações e os elementos naturais simbolizam mudanças internas do eu lírico, mais uma vez representando a maneira como a paisagem é capaz de construir sentidos no interior do eu lírico. A presença de elementos como o fogo, a água, o ar e a terra nos poemas evidenciam a profunda relação do poeta com o processo alquímico de transformação da natureza e da própria existência, corroborando a filosofia de Bachelard.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

CARA, Salete Almeida. **A poesia lírica**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. de Vera da Costa e Silva (et. Al). 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem** / Michel Collot; tradução: Ida Alves, [et al.] Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013

FERREIRA, Agripina Encarnacion Alvarez. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos**. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: https://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/dicionario%20de%20imagem_digital.pdf

LEJEUNE, Phillipe. **O Pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Trad. de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: editora UFMG, 2014.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OLIVEIRA, I. V. **Uma geografia íntima na poesia de Gilberto Mendonça Teles**. In: *Revista Guará*: Goiânia, v. 11, n. 2, p. 155-182. Goiás: PUC-GO, 2021.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

TELES, Gilberto Mendonça. **Lirismo rural: o Sereno do Cerrado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Batel, 2019.

TELES, Gilberto Mendonça. **Sociologia Goiana**. In: *Hora Aberta: poemas reunidos*. Petrópolis: Vozes, 2003.